

## **Aedos, cavaleiros e cantadores: o processo de inscrições memoriais e imaginárias na fabulação de um acervo mítico**

Eduardo Cavalcanti Bastos

Doutorando em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA e Université Paris 10 Ouest La Défense

Área de estudos: Linha IV: Dramaturgia, História e Recepção

Or. Profa. Dra. Cleise Mendes e Profa. Dra. Idelette Muzart Fonseca dos Santos

Bolsista Capes

Diretor de Arte, produtor, músico e designer

Resumo: Este é um estudo sobre a via memorial e imaginária por onde avança o acervo mítico-histórico dos performers cantantes inscritos desde o medievo e reconhecidos como aedos, rapsodos, menestréis, trovadores e, mais atualmente, cantadores. Através de fluxos antropológicos de imagens, se forma a tessitura da representação cênica, musical e poética. Esse acervo, por sua vez, transborda no universo extensivo da percepção sensível e ressoante - ou modos de sensibilidade - da imagem. Tais processos constroem, radicando nos estudos da etnocologia, um panorama para a pesquisa em artes cênicas, a partir de certas realidades complexas, envolvendo dimensões *ab origine*, historiográficas, antropológicas entrecruzadas com a existencialidade do artista/pesquisador, seu processo criativo e heurística.

Palavras-chave: antropologia da imagem - tradição oral - poética - cancionista

*As imagens são realidades psíquicas primárias. Tudo começa, na experiência, por imagens. (...) Sim, por que recusar "a hipótese científica" dos sonhos como antecedentes das técnicas?*  
**Gaston Bachelard**

Como lidar, na atualidade, com os impulsos criativos da intuição – *ou invenção de problemas*<sup>1</sup> – quando os mesmos são amordaçados pelos avanços da técnica<sup>2</sup> ao tratar com objetos inscritos num passado memorial? O império da restauração contínua dos métodos de comprovação e resultados e a tecnocracia produtora da ciência, por muito tempo, escravizaram e ainda insistem em dirimir o processo criativo e suas resultantes. A situação crítica aponta para um processo inflacionado e cansativo frente aos métodos do olhar que se dirigem às cenas mortas, ao ancestral, ao antigo, ao *perdido* ou aos objetos afogados na *ninguendade*<sup>3</sup>, partes do grande acervo universal da história. Então, face a tudo isso, uma questão se impõe na atualidade: como pesquisar cenas das culturas artísticas soterradas pelo tempo? Como vasculhar as performatividades ausentes, os sons – música – e os gestos que bramem numa região abissal impossível de ser sondada? Uma proposição é cada vez mais acertada: *velhos positivismo unidimensionais e totalitários*<sup>4</sup> perdem

<sup>1</sup> **Bergsonismo.** Gilles Deleuze.

<sup>2</sup> *Ref. contra os impulsos da posição logocêntrica instaurados pelas palavras e suas derivativas imagens.*  
**Gramatologia.** Jacques Derrida

<sup>3</sup> *Ref. O povo brasileiro.* Darcy Ribeiro,

<sup>4</sup> *Ref. As Estruturas Antropológicas do Imaginário.* Gilbert Durant

segmentariamente seus *status quo* de soberania, e, cada vez mais, os artistas invadem os espaços das ciências sociais e humanas para integralizar e contaminar as formas do olhar. Esse é um ato especial para os processos da pesquisa das artes em geral, atuantes na liberação deste *Ente* inscrito muitas vezes na sociedade, sob frialdades, como um *erro da natureza*<sup>5</sup>.

A primeira coisa que gostaria de dizer trata da dimensão intuitiva do pesquisador artista para além do artífice, aquele atuante através de um acervo mítico e estético no campo dos sonhos e da invenção, em seu próprio trajeto na composição de uma espécie de monografia do *seu* pensamento. Essa ideia antecipada há algumas décadas pelas inscrições-imagens onde *o mais profundo é a pele*<sup>6</sup> ou *inscrição de uma superfície* nos deu a chave ilustrativa (ou filosófico-poética) para a invenção de uma problemática cuja elaboração encontra-se num território próprio do artista; sua inquietação, devaneio e potência imaginária. É algo de suor, raciocínio e anseios evadindo pelos poros. A pele pensa. Toda imagem aflorada por essa superfície é um grande ato de pensamento numa inscrição cada vez mais imaginativa e motivadora. Nessa perspectiva é possível que o grande ponto de fuga tradicional se desestabilize no território complexo onde não se apela à referência – factual – da origem (interior) nem mais ao amplo cenário (exterior), nem à imaginação reduzida à regressão da memória<sup>7</sup> e nem à dominação das recordações e seus arautos cronistas – não quero dizer com isso que a história e seus narradores sejam objetos frágeis – mas sim à ocupação da imagem na vida psíquica<sup>8</sup> como um argumento que incita o real. A imagem sempre ocupou um espaço de rebaixamento<sup>9</sup> e se ela ocupa integralmente a vida artística e do artista, imerge em problemáticas existenciais intensas, pois *nunca é considerada como uma manifestação original de uma função psicossocial, nunca tomada no seu sentido pleno, mas sempre como mensagem da irrealidade*<sup>10</sup>. E, se o Quixote de Cervantes transfigura os moinhos em gigantes<sup>11</sup> é porque estes existem além do *logos* e do sentido dogmático e escravagista. O espaço ocupado pela imagem completa uma existência real e dotada de potências. O campo mítico integra por sua vez dois estados de existência: a que sonha e a que vive. É uma *brisuridade*<sup>12</sup>: ideia e sentido, tempo e memória, lógica e

<sup>5</sup> "O artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito." Manoel de Barros em *Livro Sobre Nada*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1997.

<sup>6</sup> Aforismo de Paul Valéry.

<sup>7</sup> DURANT, 2002, pg. 22

<sup>8</sup> DURANT, 2002, pg. 23

<sup>9</sup> (...) a imagem é uma "sombra de objeto" ou então "nem sequer é um mundo do irreal", a imagem não é mais que um "objeto fantasma", "sem conseqüências"; todas as qualidades da imaginação são apenas "nada"; os objetos imaginários são "duvidosos"; vida factícia, coalhada, esfriada, escolástica, que, para a maior parte das pessoas, é somente o que lhes resta, é ela precisamente que um esquizofrênico deseja (...) DURANT, 2002, pg. 23

<sup>10</sup> DURANT, 2002, pg. 23

<sup>11</sup> CERVANTES, 2004, pg. 75

<sup>12</sup> Ref. **Gramatologia**. Jacques Derrida de acordo com o conceito filosófico de *brisure*, uma peça que atua como suporte de duas modalidades que coexistem.

absurdo, ilusão e revelação, fantasia e realidade. Ele existe enquanto imagem performativa de um real que arrasta sua crença a tudo o quanto ela pode se apoderar. O real<sup>13</sup> da imagem redefine toda sorte de condições psíquicas no trânsito cotidiano desse *Ente*. A crença em si sob a condição da imagem é seu impulso vital. Dom Quixote é a fulguração do *Ente* artista.



Le Troubadour (O trovador)

A segunda é que dialogo a respeito dos processos do olhar para objetos antigos e suas problemáticas. A intenção é expor o método construído nesse tempo que lida com algumas dificuldades quando a intenção é *recuperar* certas noções dos componentes cênicos fugidios, no meu caso, ao universo dos aedos, rapsodos e menestréis elencados em intercruzamentos estéticos e culturais do *medievo*. A princípio posso dizer que a colocação da problemática não pode se eximir de uma perspectiva interna e inventiva sobre o inscrito no rastro da história, daí seu percurso e solução mítica<sup>14</sup>. São atos evidentes de problemas colocados com a disposição de soluções que eles merecem, mas merecidas em função da maneira como intenciono colocá-los<sup>15</sup>. Para além da história ou ideias do imaginário coletivo, a colocação que faço é invadida no universo mítico aliciada por um construto de imagens acerca da antropologia desse grupo artístico remanescente de culturas occitanas e

<sup>13</sup> Será importante observar sobre que conceito do “real” se constrói este discurso. Neste caso, aprecio a colocação de Deleuze: *o real não é somente o que se divide segundo articulações naturais ou diferenças de natureza, mas é também o que se reúne segundo vias que convergem para um mesmo ponto ideal ou virtual.* DELEUZE, 2008, pg. 20

<sup>14</sup> MIRCEA, 2010, pg. 09

<sup>15</sup> DELEUZE, 2008, pg. 09

provençiais, porém refletidas universalmente. E nesse terreno realizo a *cosmogonia* pessoal da representação cênica ocupada em elaborar imagens por onde é possível o inventivo. São ecos da memória atravessados na própria carne. Uma potência de decisões inventivas não originárias apenas das fontes absolutas, mas atravessadas por estas e cujas decisões correspondem à *paisagem* que as sustenta. Não é um expurgo do cabedal referencial, mas olhar para eles é entender que me torno também uma das fontes absolutas e minhas experiências não *provêm de meus antecedentes*, de uma ambiência física ou social, de uma história, mas caminha em direção a elas e as sustenta, pois *sou eu* – potencializador das imagens sobre eles – *que as faz ser para mim. Os rompantes fazem parte de um campo perceptivo que se preenche de reflexos, estalidos, impressões táteis fugazes*<sup>16</sup> impossíveis a condução de formas precisas ao contexto percebido. O artista pesquisador é um *intérprete* de seus achados. A recolocação a partir dos novos valores atribuídos a esse grupo cancionista joga com a minha condição humana conferindo outras cenas de acordo com aspectos intensos do que realizo e acredito como artista. É uma invasão permissiva das imagens jogadas com a musicalidade e poética atávica ao meu *Ente*<sup>17</sup>. É um olhar para a memória, sem dúvida, com alguma possibilidade, desejo ou perspectiva de tradução, e nesse sentido se organiza em suas próprias recomposições, recosturas, reimaginações. O platô da tradução cuja alfândega é o meu corpo, meu rastro. Trata-se de um entre-lugar pessoal e singular de múltiplas entradas e saídas, dentro de uma memória coletiva (sem deixar de conter aspectos da subjetivação singular). Algo transmitido pelas gerações, mas com pulos proeminentes, em que certos campos esparsos deixam, e podem deixar, de ser preenchidos.

Por fim, preciso antecipar o papel da música na representação do imaginário. A audição e seu sentido têm 300 milhões de anos, mas a música complexa existe há apenas um centésimo de milésimo desse período<sup>18</sup>, ou seja, mesmo ocupando um grande passado ainda é história *re(ti)cente*. Aspectos intrínsecos à música, tais como: som, tonalidade, melodia, harmonia, ritmo, composição, desempenho, escuta, compreensão e, por fim, êxtase constituem variáveis complexas que podem rearrumar as *casas* da percepção dentro da história, podendo suspender as tradições *cênico-musicais* soterradas pelo tempo cujas evidências absolutas estão em gravuras, relatos históricos, literaturas e notações musicais. O teor das referências e reapropriações destas parecem ser a grande diferença na forma como o artista pesquisador decidirá suspender suas revelações acerca de uma ou outra fonte perdida. A manifestação desse tipo de processo só é possível a partir da criação e produção artística. Sim, pois a obra artística é o ápice dessa revelação da

<sup>16</sup> PONTY, 2006, pg. 05

<sup>17</sup> Talvez seja importante adquirir ainda mais problematização relacionada ao instituído e revelado aqui como *Ente*, perscrutá-lo em sua composição arquetípica e mágica, mas não é possível fazê-lo nesse momento.

<sup>18</sup> JOURDAIN, 1998, pg. 17

potência imaginária do(s) autor(es) face a condição do real. Nesse sentido, os fragmentos restituídos à contemporaneidade também são pele, também pensam e devem ser achados, enfim, em toda complexidade da realização artística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. *Livro Sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote De La Mancha*. Santillana Ediciones Generales: S.L., 2004.

DURANT, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs Vol 1. *Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

\_\_\_\_\_. Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PONTY, Maurice Merleau. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MIRCEA, Eliade. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2010.